

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

“no Rio tem mulata e futebol, cerveja chopp gelado muita praia e muito sol, tem muito samba fla-flu no maracanã, mas também tem muito funk rolando até de manhã.”

FUNK CULTURA POPULAR CARIOCA NA ESCOLA: os dois lados da
linha abissal

Autor: Alan Pimenta
Orientadora: Profª Drª Maria Luiza Sússekind

RIO DE JANEIRO
2011

Alan Pimenta

“no Rio tem mulata e futebol, cerveja chopp gelado muita praia e muito sol, tem muito samba fla-flu no maracanã, mas também tem muito funk rolando até de manhã.”

FUNK CULTURA POPULAR CARIOCA NA ESCOLA: os dois lados da linha abissal

Monografia apresentada como exigência final da disciplina
Monografia II do Curso de Pedagogia da UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Luiza Sússekind

Rio de Janeiro
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

FUNK CULTURA POPULAR CARIOCA NA ESCOLA: os dois lados da
linha abissal

Alan Pimenta

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Luiza Sussekind
Orientadora – UNIRIO

Profª Drª Cláudia Miranda

Rio de Janeiro
2011

DEDICATÓRIA

À minha família, especialmente minha mãe que sempre me incentivou e me apoiou em todas as minhas decisões. A meu pai por travar calorosas discussões defendendo seus pontos de vista. Minha irmã por ser sincera e amiga. A minha companheira, Lorraine que com seus projetos e experiências me permitiu escrever boa parte de minha monografia e mesmo nas madrugadas frias de trabalho nas mais diversas boates, ousou discutir educação, filosofia, epistemologia e outros assuntos que me ajudaram a escrever essa monografia.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, que com seus puxões de orelha e sua enorme gentileza, entendeu minhas especificidades e me orientou de forma magnífica.

A todos os meus colegas de faculdade, e ao grupo de pesquisa PIBID – Ensino médio: Angélica Barbosa, Anna Anselmo, Carolina Santos, Carolina Silva, Camila, Débora Gherman, Deborah Luna, Isis Couto, José Ricardo Carvalho, Leonardo Moreira e Victor Junger.

A todos do Colégio Estadual Júlia Kubitschek e todos dos demais colégios que passei por todos esses anos.

A professora Claudia Miranda, que generosamente assumiu o grupo de pesquisa PIBID – Ensino Médio, e gentilmente aceitou ser a segunda leitora de minha monografia.

Ao meu grande amigo Leonardo Oliveira pelo incentivo e pelas discussões que travamos nos corredores da faculdade.

Ao DJ Tiago Dias, um dos melhores DJs de Funk do Rio de Janeiro, e ao MC Tigrão por aceitar participar da oficina realizada em um dos colégios pesquisados

RESUMO

Este trabalho busca discutir como certos saberes, práticas e culturas são invisibilizados pela escola. O Funk sem dúvida nenhuma é uma dessas culturas. O paradigma científico e a escola, local onde se aprende as verdades científicas, não aceita que culturas marginais como o Funk entrem na escola e através de um processo de invisibilização negão a existência de alguns saberes. Mas o Funk entra na escola, não formalmente, pois o Funk e outras culturas invisibilizadas estão presentes a todo o momento na escola, nos corredores, no pátio, nas festas. Encaro a escola como um ambiente disciplinador e docilizador, mas que também é o ambiente das traquinagens, do burlar as regras, mas essas atividades ainda não constam no currículo das disciplinas. E através de experiências dentro e fora da escola descrevo minha busca por práticas emancipatórias e inclusivas que permitam desinvisibilizar culturas e saberes marginais.

Palavras chave: **Funk; currículo; educação; cotidiano.**

ABSTRACT

This article discusses how certain knowledges, practices and cultures are obscured by the school. The Funk is undoubtedly one of these cultures. The scientific paradigm and the school where they learn the scientific truths, does not accept that marginal cultures as Funk and enter the school through a process of invisibility denies the existence of some knowledge. But Funk enters school, not formally, because invisibilized Funk and other crops are present at all times in school hallways, at parties. I see the school environment as a disciplinarian and docile, but also the environment of the pranks of circumventing the rules, but these activities have not yet included in the curriculum. And through experiences inside and outside the school describe my quest for emancipatory practices in order to confirm marginal cultures and knowledge.

Post scriptum: Funk, curriculum, education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Um pouco de mim	9
1. Sou história do funk, isso eu tenho que falar. Pede a paz, tem conceito, vem também para animar	11
1.1 O Funk no Rio de Janeiro	13
1.2 O Funk dentro do Funk	18
2. O que é científico e o que não é científico	22
2.1. Na escola só vale o que é “verdade”	24
2.2. Diferentes saberes e fazeres para um novo olhar	24
3. Uh aceita	27
3.1. Tio pode ser Flamengo e Vasco?	27
4. Atenção lado A, atenção lado B	30
4.1. Currículo escolar divide o lado A e o lado B do conhecimento	31
4.2. Táticas e estratégias	35
4.3. Alinha abissal	36
Considerações finais	40
Referências	43

INTRODUÇÃO

Esta monografia é resultado de múltiplas reflexões sobre experiências pessoais que vêm acontecendo desde minha entrada na faculdade de pedagogia. Entender o que era educação e como ela acontecia nos diferentes espaços sempre me interessou. O curso de pedagogia parecia ser o caminho mais completo para compreender o que era educação. E logo que entrei no curso identifiquei nele uma característica pessoal minha, ser multifacetado. Composto por diferentes áreas como: sociologia, antropologia, psicologia e filosofia tive a sensação de ter achado o curso que me possibilitaria exercer praticas educativas em diferentes contextos e entender um pouco o que é educação. Começo essa monografia contando um pouco de minha historia e como um processo caótico e rico em experiências diversas me trouxe a esse projeto final de curso.

Gostaria de advertir aos leitores que em meu texto, toda vez que me referir ao Funk carioca a letra "F" será maiúscula, pois entendo como um próprio Funk original e brasileiro.

Um pouco de mim...

Desde meus 18 anos trabalho na noite como DJ, já passei por inúmeras casas noturnas, eventos em diferentes locais do Rio de Janeiro e até outros estados levando um pouco do meu som. Depois de alguns anos de experiência como DJ, recebi o convite para trabalhar como produtor em uma lona cultural, projeto da prefeitura do Rio de Janeiro que visa difundir arte e cultura em bairros com poucos equipamentos culturais¹. Lá trabalhei como produtor e educador artístico e pela primeira vez tive a oportunidade de ser o professor de uma oficina de formação para Djs.

Quando entrei na faculdade de pedagogia já trabalhava com essa oficina, e me senti estimulado a ampliar meu campo de ação. Levei então um projeto de oficina de DJs para o Circo Voador na Lapa. Lá fui muito bem recebido e durante três anos pude realizar oficinas para formação de DJs. Já trabalhando com oficinas há quatro anos fui surpreendido com o convite de uma ONG carioca. Gostariam que eu fosse o professor da oficina de DJs do projeto PROJOVEN-CIDADÃO. Nessa oficina pude compartilhar minhas experiências com jovens de comunidades cariocas, o que criou aprendizagens inéditas em mim. Paralelamente as oficinas desenvolvi minhas atividades acadêmicas, ingressei no Projeto de Iniciação a Docência PIBID²- Ensino médio, financiado pela

¹Equipamentos culturais seriam; teatros, cinemas, centros de arte, bibliotecas etc.

² PIBID - Projeto institucional de bolsas para iniciação a docência. Segundo informações retiradas do site da Capes, o projeto visa incentivar a formação de professores para a educação básica, , em nosso subprojeto, especialmente para o ensino médio; valorizar o magistério; promover a melhoria da qualidade da educação básica; promover a articulação integrada da educação superior do sistema federal com a educação básica do sistema público, em proveito de uma sólida formação docente inicial. Elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das instituições federais de educação superior fomentar experiências metodológicas e práticas docentes de caráter inovador, valorizar o espaço da escola pública como campo de experiência. Proporcionar aos futuros professores participação em ações, experiências metodológicas e práticas docentes inovadoras, articuladas com a realidade local da escola.

CAPES e coordenado pela professora Maria Luiza Sússekind participei de congressos e me envolvi com o movimento estudantil. Das minhas atividades acadêmicas entrar no projeto PIBID talvez tenha sido a mais importante, pois me permitiu atuar como pesquisador no Colégio Estadual Julia Kubitschek, e tive a oportunidade de *vivenciar experimental*³ tudo que só um colégio público da modalidade normal poderia me ensinar.

Como DJ e professor de oficinas aprendi muito sobre estilos músicas, ouvi ritmos que não gostava ou não conhecia e ampliei meu horizonte musical. Como DJ também aprendi que certos estilos musicais, certas músicas não “entravam” em alguns lugares ou só entravam gazeteiramente. Em minhas oficinas as discussões sobre como montar os repertórios adequados para cada ambiente sempre gerava polêmica. Porém em nossas discussões uma coisa me pareceu ser unanimidade, existem certos estilos musicais que são discriminados ou vistos como inapropriados. E um bom exemplo sempre foi o Funk, ritmo muitas vezes depreciado e excluído de festas e eventos, mas que incrivelmente sempre esteve presente em quase todas as festas e eventos que fiz ao longo dos anos. Por mais forte que fosse o desejo de um contratante de que “não rola Funk na minha festa” sempre aparecia um amigo uma amiga que no final da festa convencia o contratante a abrir mão dessa estratégia e todos dançavam ao som do tamborzão.

Em minha monografia junto em um mosaico tudo o que vivi, refletindo sobre minhas práticas e vivências como DJ profissional e aqui mais que tudo como educador. Sempre embasado em todo cabedal *teroricometodológicoepistemológico* que o curso de graduação em pedagogia da UNIRIO e o grupo de pesquisa PIBID-Ensino médio, puderam me proporcionar. Pretendo discutir como algumas práticas observadas em escolas públicas do Rio de Janeiro invisibilizam ou produzem como inexistentes traços das culturas e saberes cotidianos. E trazendo as noções de tática e estratégia de Certeau interpreto os fenômenos em que observei como os praticantes do cotidiano burlam regras e fazem do dia a dia um campo de estudos fértil e interessante.

³ Aplico o princípio de juntabilidade (SGARBI apud SUSSEKIND,2007.p.134). Que tem o objetivo de enfatizar que nem sempre uma palavra da conta dos fenômenos sociais que queremos descrever em nossos estudos. Como alternativa, podemos usar as palavras escritas juntas e em itálico, pois aglutinadas tomam um sentido diferente de usadas em conjunto e com o conectivo .

CAPÍTULO I

“Sou história do funk, isso eu tenho que falar. Pede a paz, tem conceito, vem também para animar...” (Mc Galo)

Historicamente no Brasil o funk é um ritmo discriminado. Que originalmente é um estilo musical típico da música norte americana. Nasceu por volta dos 60 e tem como símbolos artistas como James Brown e músicos, como Maceo Parker e Melvin Parker, artistas esses que a partir de uma mistura de Soul Music, Soul Jazz, Rock psicodélico e Rhythm & Blues criaram um ritmo mais dançante e sensual, o funk. Com um ritmo sincopado⁴, frases musicais⁵ repetidas e vocal intenso o funk radicalizava suas origens apresentando arranjos mais pesados que os da Soul Music.

Nos anos 70 artistas como George Clinton, KC and the Sunshine Band, Kool & The Gang e bandas como o Parliament, Funkadelic e Earth Wind and Fire trazem um funk vendável e suas músicas assumem as paradas norte americanas.

Como todos os estilos musicais que, apesar de serem produzidos por e para uma minoria étnica, acabam conquistando o sucesso de massa, o funk também sofre um processo de comercialização, tornando-o mais “fácil”, pronto para o consumo imediato. Em 75, uma banda chamada Earth, Wind and Fire lançou o LP “That's the way of the word”, seu maior sucesso, primeiro lugar na parada norte-americana. Esse disco, além de sintetizar um funk extremamente vendável, cuja receita vai ser seguida por inúmeros outros músicos (inclusive alguns dos nomes mais conhecidos da MPB), abre espaço para explosão “disco”, que vai tomar conta da “black music” norte-americana e das pistas de dança de todo o mundo por volta de 77/78. (VIANNA 1997)

⁴ Sincopado é um adjetivo usado quando o ritmo da música é mais quebrado, O ritmo das músicas é dividido em tempos fortes e tempos fracos, que se sucedem. No ritmo sincopado, acontecem desvios no padrão rítmico em que o som - articulado na parte fraca do tempo ou do compasso - prolonga-se para a parte forte do tempo seguinte. Isso torna o ritmo mais dançante e bem marcado.

⁵ A música também é uma combinação de elementos que tem funções diferenciadas. Tem o seu próprio e especial tipo de gramática e sintaxe. Isso permite que sons sucessivos possam ser agrupados para formar uma *frase musical* contendo um senso de completude.

A influência do funk norte americano cresceu no mundo todo, os sucessos de bandas como Earth Wind and Fire eram garantia de pista cheia e muita alegria nas boates de todo o mundo e nas festinhas e clubes. “..toda vez que achava a pista fraca tocava algum hit do Earth, não tinha erro a pista voltava a ferver” (Luiz Salabert Dj). No Brasil enquanto os bailes “bombavam” ao som das bandas norte americanas enquanto nos estados unidos o soul influenciado por DJs como o jamaicano Kool Herc iniciavam um novo movimento.

Enquanto acontecia a febre das discotecas, nas ruas do Bronx (o gueto negro/caribenho localizado ao norte da cidade de Nova York, fora da ilha de Manhattan), já estava sendo arquitetada a próxima reação da “autenticidade” black. No final dos anos 60, um disk-jockey chamado Kool Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos “sound systems” de Kingston, organizando festas nas praças do bairro. Herc não se limitava a tocar os discos, mas usava o aparelho de mixagem para construir novas músicas. Alguns jovens admiradores de Kool Herc desenvolveram as técnicas do mestre. Grandmaster Flash, talvez o mais talentoso dos discípulos do DJ jamaicano, criou o “scratch”, ou seja, a utilização da agulha do toca-discos, arranhando o vinil em sentido anti-horário, como instrumento musical. Além disso, Flash entregava um microfone para que os dançarinos pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música, uma espécie de repente-elétrico que ficou conhecido como rap – os “repentistas” são chamados de rappers ou MCs, que é a abreviação de “masters of ceremony”.

No final dos anos 70 as influências dos djs Kool Herc e Afrika bombaataa, principalmente com a música Planet rock, que posteriormente deu origem as bases de hip-hop, e a banda de música eletrônica Krafwerk que com suas batidas eletrônicas e o uso de, *samplers*⁶ revolucionam o funk e a Soul Music, trazendo sons pesados e vocais distorcidos. Nessa amalgama cultural Djs

⁶ Sampler é um equipamento que consegue armazenar sons (samples) de arquivos wav (os mesmos de um CD) numa memória digital, e reproduzi-los posteriormente um a um ou de forma conjunta se forem grupos, montando uma reprodução solo ou mesmo uma equivalente a uma banda completa.

como Grand Naster Flash e seus *scratches*⁷ iniciam um movimento cultural que posteriormente deu origem ao Hip-Hop.

O movimento Hip-Hop surge nos grandes bailes dos guetos nova-iorquinos, onde além dos scratches, que eram feitos com bases de músicas funk, e dos MC que declamava suas ideias nos microfones, outros elementos culturais foram surgindo, a dança break, o grafite nos muros e nos trens e um estilo de roupa onde marcas como Adidas e Nike eram as mais usadas. É importante destacar rapidamente a origem do hip-hop para mostra como o funk foi um estilo musical fértil.

1.1. - O Funk no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro entre as décadas de 70 e 80 nos bailes cariocas os ritmos funk (americano) e soul eram predominantes. Os DJs tocavam os maiores sucessos internacionais de artistas como James Brow e Michael Jackson, soul mans nacionais como Tim Maia e Gerson king Kombo também faziam sucesso nos bailes cariocas, mas os artistas internacionais ainda eram os grandes destaques.

Os bailes eram o divertimento de milhões de jovens da periferia carioca e aconteciam em diferentes clubes da cidade. Hermano Vianna em sua tese de mestrado descreve bem como era o cenário dos bailes funk na década de 80.

O baile funk é, principalmente, uma atividade suburbana. Existem alguns bailes realizados na Zona sul, geralmente localizados perto das favelas, e freqüentados por uma juventude proveniente das camadas de baixa renda, em grande parte negra (exatamente como nos bailes suburbanos), e nunca de classe média. Os bailes da Zona Sul não se comparam, em tamanho e em empolgação, com os bailes dos subúrbios. Para citar alguns dos maiores: Clube Magnatas, no Rocha; Clube Renascença e Clube Mackenzie; no Méier; Cassino Bangu;

⁷ Movimento de arratar o disco de vinil no sentido contrario ao horário. O que produz um som seco que é usado para criar novas músicas.

Grêmio Recreativo de Rocha Miranda; Farolito, em Caxias; Paratodos, na Pavuna; Signus, em Nova Iguaçu; Canto do Rio e Fonseca, no Centro de Niterói. (VIANNA 1987)

Em 1989, antropofagicamente houve uma onda de nacionalização do Funk. Liderada por DJs como Malboro e apoiada por ícones das grandes garvadoras como Nelson Motta, e influenciada por ritmos musicas como o Miami Bass⁸, Freestyle⁹, Mcs como Batata e Cidinho Cambalhota criam paródias de músicas famosas como o rock das aranhas de Raul Seixas e melôs como a da “feira de acari” e “melô da mulher feia”¹⁰. Ali começava o movimento Funk nacional que deu origem ao que hoje já se tornou uma das principais marcas da cultura popular carioca.

Ao longo dessa nacionalização do funk, os bailes que antes eram realizados em clubes nos bairros do subúrbio carioca foram “empurrados” para a favela. No começo dos anos 90 uma grande repressão política e policial dificultou a realização dos eventos associando-os à criminalidade em geral, ao tráfico e ao consumo de drogas. O movimento Funk foi ligado a acontecimentos como os arrastões que aconteceram nas praias da zona sul carioca no ano de 1992 e o editorial do Jornal do Brasil de 5 de julho de 1995 mostra como parte de uma elite econômica carioca via o movimento funk.

Nos últimos três anos, mais de 50 jovens morreram em combates entre funkeiros. Centenas ficaram feridos. O mundo funk agasalha em seu espaço paus, pedras e armas de fogo. Grupos de jovens, em busca de divertimento, espalham muito mais terror do que alegria. Transformou-se num ritual de vida ou morte. Só por milagre a

⁸ Miami bass (também conhecido como *som de Miami*) é um tipo Funk que se tornou popular nos EUA nos anos 80 e 90. Ele é conhecido por usar a batida continuada da caixa de ritmos Roland TR-808, batida de dança acelerada e, algumas vezes, pelo conteúdo sexualmente explícito das letras.

É derivado do Electro e foi a base do chamado Funk Carioca .

⁹ O Freestyle, nome em inglês que significa *estilo livre*, é um gênero musical nascido nos Estados Unidos nos anos de 1980. A principal característica desse tipo de música é a mistura de outros estilos como Club, Dance Music, Blues, House Music, entre outros.

¹⁰ Melô da Mulher Feia: “Mulher feia cheira mal como urubu, a galera toda começou a reclamar. Por que?

Mulher feia cheira mal como urubu.”

Feira de Acari: “Numa loja na cidade eu fui comprar um fogão, mas me assustei com o preço, e fiquei sem solução, eu queria um fogão. Quando ia desistir, um amigo me indicou a Feira de Acari ”

tragédia não tem sido maior entre um milhão de jovens que se espremem nos fins de semana em clubes, quadras, galpões e ruas de terra do Rio e da baixada fluminense, para dançar e brigar ao som do funk (...) não há distinção entre funk, favela e tráfico de drogas no Rio. A maioria dos funkeiros não é vinculada ao tráfico, mas se divide 'filosoficamente' entre Comando Vermelho e Terceiro Comando, e vê como heróis os líderes do crime organizado. Um sociólogo definiu-os como 'juventude sem perspectivas', uma espécie de reprise tupiniquim da 'juventude transviada' dos anos 50 que tinha James Dean como ícone (...) Os arrastões que levaram pânico as praias da zona sul são desta luta sem quartel. Sentindo-se frustrados, enfrentam-se para extravasar a raiva. A sociedade paga o pato, enquanto a polícia e o juizado de menores lavam as mãos.

O trecho destacado fala dos antigos bailes de corredor e dos arrastões da década de 90 que aconteceram nas praias da zona sul. Fica claro que a elite carioca afirmava que os arrastões realizados por negros pobres e favelados só poderiam ser "coisa de funkeiro". Não se pretende negar aqui a obviedade de certas associações entre um e outro lado do debate, apenas, tenho como objetivo problematizar e desnaturalizar a ideia de que o Funk e a criminalidade eram duas faces da mesma moeda.

É visível o preconceito e o menosprezo pelo Funk, que mais movimento cultural do que manifestação marginal gerava reações preconceituosas de parte da população, que acreditava na ideia de que funkeiros, 'sentindo-se frustrados, enfrentam-se para extravasar a raiva.' O pequeno trecho retirado do editorial do Jornal do Brasil, mostra ao mesmo tempo que a maioria dos funkeiros eram reconhecidamente das classes populares e que a classe média carioca indiretamente os chamam de bárbaros. Por serem funkeiros, pobres e não terem acesso aos locais de lazer eram acusados de usarem as brigas como "válvula de escape". É possível pensar, talvez que isso fosse uma forma de protesto, que demonstrava a insatisfação com suas condições socioeconômicas mas isso seria um absurdo generalista e preconceituoso. No trecho que diz 'a sociedade paga o pato, enquanto a polícia e o juizado de menores lavam as mãos' fica claro o preconceito e como o Funk era visto como caso de polícia. Não só o Funk mas, nesse movimento de

guetificação toda uma população “favelada” e “suburbana” foi identificada e tratada como bandido.

Ligados à marginalidade e ao tráfico de drogas o Funk foi taxado pela mídia como música de bandido, ligada a uma periferia que sem voz era considerada classe inferior.

Os bailes de corredor também contribuíram para a criação da imagem negativa do Funk. Os bailes de corredor eram locais de brigas e até de mortes. O salão se dividia em lado A e o lado B. Uma linha no meio demarcava essa divisão. Objetivo era medir forças, brigar e descobrir quem tinha a “galera” mais forte. No meio, seguranças muitas vezes com cacetetes e correntes deixavam “a porrada estancar” e continham alguns freqüentadores e grupos mais exaltados. Porém o objetivo era mesmo a briga. Jovens trocavam socos e pontapés na linha divisória disputando que galera tinha mais força. Diziam-se guerreiros do corredor.

Com tudo isso ficava cada vez mais difícil e complicado conseguir autorizações para a realização dos eventos em clubes e casas de shows já que os próprios participantes do movimento Funk vinculavam sua imagem à violência física, social e às práticas de ilegalidade, incivilidade e anticidadania. Os bailes foram então isolados, empurrados e guetificados dentro das favelas. E na favela eles ganharam as ruas, quadras de colégios, de escolas de samba e de esportes onde equipes de som, inspiradas nos Sound system jamaicanos, se enfrentam disputando quem tem a aparelhagem mais potente o grupo mais fiel e o melhor DJ.

Como o Funk carioca ganhou grande apelo entre moradores de comunidades carentes e tornou-se o ritmo da favela, as músicas que surgiam retratavam o cotidiano dos moradores abordando temas como, violência, pobreza, sexualidade e esperanças dos subúrbios cariocas. Letras como a do Rap da Armas e Rap da Felicidade eram “hinos” cantados a plenos pulmões.

Rap Das Armas - Mc Júnior & Mc

O meu Brasil é um país tropical
A terra do funk, a terra do carnaval
Mas o meu Rio de Janeiro é um cartão postal
Mas eu vou falar de um problema nacional...

parapapapapapapa
parapapapapapapa
papapapapapapara clack bumm
parapapapapapapa

Metralhadora AR-15 e muito oitão
A Entratek com disposição
Vem a super 12 de repetição
45 que um pistolão
FMK6, m-16
A pisto UZI, eu vou dizer para vocês
Que tem 765, 762, e o fuzil da de 2 em 2

Rap da Felicidade – Mcs Cidinho e Doca

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente
Na favela onde eu nasci
É...
E poder me orgulhar
E ter a consciência
Que o pobre tem seu lugar

Fé em Deus DJ

Por ser barato inclusivo e plural o baile Funk tornou-se a grande opção de diversão dentro das favelas cariocas. Em praticamente todas as comunidades do Rio de Janeiro equipes de som lotavam quadras esportivas e ruas. Equipes que com o passar dos anos foram crescendo em tamanho, potência e qualidade passando a ser a grande atração dos bailes. A Furacão 2000 talvez seja a equipem mais conhecida e representativa do transbordamento dessa linha de marginalização do Funk. Formada pela fusão de duas

grandes equipes, a Som 2000 de Rômulo Costa e a Guarani 2000 de Gilberto Guarani, atualmente é uma das equipes mais conhecidas e uma das principais responsáveis pela divulgação do Funk no Brasil.

O crescimento das equipes e a sucesso dos Funks criou um mercado lucrativo que segundo pesquisa da Fundação Getulio Vargas movimenta em média 10 milhões de reais por mês no estado do Rio de Janeiro. Ver quadro abaixo:

MUNDO FUNK

Veja os números da pesquisa da FGV

R\$ 10 milhões

é quanto o funk movimenta por mês no estado do Rio

R\$ 2.100,38

é quanto um DJ ganha discotecando por mês

R\$ 411,18

é o cachê-médio cobrado por um MC em um baile realizado em uma comunidade do Rio

R\$ 6,75

é o valor médio do ingresso em bailes realizados em clubes

R\$ 4.583,33

é o cachê cobrado por um show realizado no exterior

R\$ 195,21

é o valor médio recebido por um camelô com a venda de produtos, por baile

Retirado do site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u492067.shtml>

Esse mercado é movimentado por DJs, MCs, equipes de som, técnicos e até camelôs. Profissionais e informais que além de trabalhar nos bailes, curtem, “zuam” e dançam na porta do baile vendendo bala ou dentro do bar servindo os clientes. Lembro dos carregadores de caixas de som que durante a semana trabalhavam com pedreiros ou estivadores, e com “bicos” feitos no fim de semana completavam suas rendas e aproveitavam para dançar e “azarar as gatinhas no salão”.

E é nesse cenário, no Rio de Janeiro “capital do sangue quente do Brasil, cidade maravilha, do melhor é do pior do Brasil” (Fernanda Abreu) berço de toda cultura Funk nacional, que fica difícil pensar que de alguma forma o Funk não “entre” na escola. Que ele não esteja presente no cotidiano de jovens e alunos de escolas cariocas. Ora crianças e adultos conhecem as músicas, dançam as mesmas em festas e por mais que você não queira! Alguém do seu lado provavelmente estará escutando algum Funk ou cantarolando o trecho de algum enquanto você espera o sinal fechar para atravessar a rua.

“é som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado” (Amilka e Chocolate)

Como a letra de Amilka e Chocolate já declara, a guetificação se tornou uma marca, consumida por todos os grupos e classes sociais e foi ampliando a discussão sobre a vida nas “favelas”, sobre os processos de marginalização e sobre as construções de rótulos sociais. É som de preto de favelado mas quando toca no asfalto ou na favela ninguém fica parado.

Esse ritmo que já faz parte de cultura popular carioca, muitas vezes tachado como, “coisa de pobre, preto, favelado e bandido, e ritmo de baixo nível” e os bailes funks são o que dentro das favelas assume papel de principal diversão. O baile Funk é uma grande mistura com batidas frenéticas procurado por jovens havidos por diversão, sensualidade, sedução e mostra que o Funk

evidência como a juventude negra e favelada reiventa-se criativamente com os escassos recursos disponíveis, subvertendo, muitas vezes as representações que insistem em situá-la como baixa e perigosa. Além disso, a crítica ao Funk que escancara a maneira pela qual a sociedade brasileira renova seu racismo e preconceito de classe camuflados pela retórica ocidental do “bom gosto estético.”(LOPES E FACINA 2010)

1.2. O Funk dentro do Funk

O Funk como outros estilos musicais se ramifica. Dois desses sub-estilos, os proibidões e o Funk Melody talvez sejam os mais conhecidos. Com letras cheias de palavrões, erotismo, apologia ao tráfico de drogas, a violência e ao uso de entorpecentes os proibidões são os mais tocadas nas favelas cariocas. E o Funk Melody, mas sutil com letras geralmente que falam de amor, por serem mais comerciais, são os que “bombão” nas boates da zona-sul. Não é difícil de imaginar porque esses temas são cantados.

Comumente as letras do Funk, principalmente os proibidões, o conteúdo simbólico que existe nas letras é alvo de muitas críticas. As letras, seus conteúdos são a representação e a leitura do cotidiano de uma parte da população carioca. Parte que está esquecida pelo estado. Que está a margem da sociedade carioca. E vivendo em um território muitas vezes dominado pelo tráfico de drogas, onde a sexualização de jovens é cada vez mais precoce e a pobreza uma dura realidade, é natural que em seus Funks Mcs declarem apoio a traficantes ou ao sexo com menores de idade. Entendendo que essa é a realidade e a cultura da favela, é perfeitamente compreensível que jovens favelados se indentificam com as letras e conteúdos, ou que Mcs cantem suas experiências e mostrem suas leituras do mundo. E me pergunto, em minhas práticas educativas será que posso ignorar esse fato? Quando um aluno entra na escola parte da sua realidade tem que ficar do lado de fora?

**“Hoje é dia de baile na comunidade pro povo dançar
Cheio de mulher bonita, bebida regada, hoje eu vou chapar
Quando ela ouve o tambor, ela se descontrola e não quer mais
parar, desce que desce, rebola gostosa e kika no calcanhar” (MC
KORINGA)**

Como DJ, trabalhei em diversas casas noturnas e festas, freqüentador de bailes Funk e professor de oficinas de DJs. Sempre

observei na maioria dos bailes muita alegria, Silvas¹¹ pais de família e gatinhas no salão¹².

Como aluno de graduação, futuro pedagogo e professor trago minha experiência de vida, o meu mundo e seus significados para o contexto escolar e pergunto: é possível negarmos a influência do Funk dentro das escolas? Ainda é possível que algumas práticas nas escolas continuem negando a existência dos saberes não curriculares ou tratados como não-cultura?

Para entendermos melhor por que certos saberes e fazeres são produzidos como invisíveis na escola. E procurar entender o porquê alguns assuntos e culturas como o Funk são invisibilizados, negados e segregados na escola e nos seus currículos, discuto no próximo capítulo um pouco sobre produção de conhecimento, sobre o paradigma científico moderno e de como a escola como instituição social lida com as realidades existentes.

¹¹ Referência a Música Rap do Silva, onde é contada a história de um pai de família que gostava de bailes funks e foi assassinado em um assalto.

¹² Referência a uma gíria carioca com sentido de festa ou baile com muitas mulheres bonitas.

CAPÍTULO II

O que é científico e o que não é científico

Uma das égides da sociedade ocidental é acreditamos nas verdades universais da ciência e na confiabilidade do método científico. Paradigma esse que tem como base de sustentação a matemática e acredita que

O universo (...) não pode ser compreendido a menos que primeiro aprendamos a linguagem no qual ele está escrito. Ele está escrito na linguagem matemática e os seus caracteres são o triângulo, o círculo e outras figuras geométricas, sem as quais é impossível compreender uma palavra que seja dele: sem estes, ficamos às escuras, num labirinto escuro. (1626 Galileu Galilei)

E a matemática forneceu “à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação” (SANTOS 2001).

O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (Idem)

A matemática oferece as ferramentas perfeitas para uma ciência que entende o mundo como “complicado e a mente humana não o pode compreender completamente.” E por isso “conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou” (Ibidem) e a matemática é o saber que oferece as ferramentas ideais para compreender de forma lógica as relações sistemáticas entre o que foi separado.

E essa ciência que divide e classifica, desconfia do que não pode ser medido, quantificado ou reduzido, pois “é um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vista a prever o comportamento futuro dos fenômenos.” (SANTOS 2001)

Através do discurso lógico-matemático o método de investigação científica conseguiu passar uma pátina de neutralidade em suas verdades. Com regras tão rigorosas suas investigações seriam supostamente neutras e verdadeiras.

A idéia do que é verdade nesse paradigma pressupõe a construção de um saber superior. Que em relação com tudo que o método científico não consiga estudar, medir ou racionalizar não é válido não é verdade.

Ainda sobre o assunto, Santos nos trás um panorama mais geral do desenvolvimento histórico desse paradigma dominante, tanto nas ciências naturais como nas ciências sociais e como paradigma é segregador.

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global (isto é ocidental) de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se defende ostensivamente de suas formas de conhecimento não científico (e, portanto, potencialmente perturbadoras): o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíam entre outros os estudos históricos, filosóficos e teológicos).

E continua

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus

princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas.

O método científico e as verdades da ciência moderna são pilares das verdades em nossa sociedade. E os métodos são determinantes para distinguir o que é ciência o que é verdade e o que não é ciência e o que não é verdade.

2.1. Na escola só vale o que é “verdade”

A escola é a instituição social que tem como papel formar os cidadãos de nossa sociedade. E estando ela inserida no meio social onde influencia e é influenciada não podemos pensá-la como uma ilha, isoladamente.

A escola é a casa do saber, da educação. O lugar que em nossa sociedade é tido como o privilegiado para o aprendizado formal. Onde o processo de *ensinoaprendizagem* é intencional. E onde o que nos ensinam são os saberes acumulados pela humanidade ao longo dos anos. Ali aprendemos matemática, português, ciências, historia etc. É na escola que aprendemos a reproduzir as idéias do paradigma científico dominante, onde aprendemos que só vale o que é científico.

2.2. Diferentes saberes e fazeres para um novo olhar

A partir de um olhar que exige um “sentimento do mundo, para ir muito além do olhar que vê, com o qual aprendemos a trabalhar.” (ALVES 2008) poderíamos entender uma parte da complexidade do ato educacional e do cotidiano de uma escola. Esse olhar que vai contra o paradigma cartesiano que “nos ensinou a pensar no mundo como um cosmos mecânico, um universo relógio, com peças fixas e movimentos previsíveis, num tempo/espaco absoluto” (FERRAÇO 2008)

Pensando dessa forma, nós cotidianistas¹³ pensamos que os espaços de produção de conhecimento e o próprio conhecimento não se restringem aos métodos e laboratórios e o paradigma científico moderno não dá conta de todas as áreas produtoras de conhecimento. Acredito assim como muitos pesquisadores dos estudos do cotidiano que é possível produzir conhecimento válido através das experiências do cotidiano. Defendo “que há modos de fazer e de criar conhecimentos nos cotidianos, diferentes daquele aprendido, na modernidade, especialmente, e não só com a ciência.”(ALVES 2008) Na contramão do que “aprendemos com todos os setores dominantes, durante os últimos quatro séculos, que os modos como se cria conhecimentos nos cotidianos não têm importância ou estão errados e, por isto mesmo precisam ser superados.”(Idem).

Parto assim da idéia de que produzir conhecimento sobre a escola, sobre a pedagogia e sobre os processos de ensino aprendizagem não se restringem à escola, academia ou laboratório, mas ocupa sim todo esse campo de vivências cotidianas que compartilhadas entre as pessoas em seu dia a dia é educação é *ensinaraprender*. Quero chegar à seguinte conclusão: funk é conhecimento...

Busco valorizar reconhecer e desinvizibilizar todo esse cabedal de conhecimentos que a ciência moderna despreza e não considera como válido por que

a formação do pensamento ocidental dominante, que exige "ver para crer", levou à grande dificuldade em se aceitar o múltiplo: os múltiplos sentidos, os múltiplos caminhos, os múltiplos aspectos, as múltiplas regras, as múltiplas fontes. Desta maneira, pensar "ao contrário", em ciência, tem exigido uma discussão sobre o que pode ser aceito como fonte de conhecimento. Naturalmente, o "exame" do cotidiano, entendido como um nível menor de uma "realidade" maior, por muitos de nossos colegas, é possível com o emprego das mesmas

¹³ Cotidianistas acreditam que existe um conjunto de saberes, fazeres e noções que compõem redes de conhecimentos. Inspirados nos estudos do cotidiano de Certeau, que deu voz ao homem ordinário e a cultura desse homem, mostrando como os movimentos que acontecem no cotidiano são tão importantes e campo de grandes disputas. Os estudos do Cotidiano têm como centralidade os fenômenos, enigmas e revelações da vida cotidiana dos sujeitos, da sociedade e de suas instituições.

regras usadas para estudar este mundo maior. Quando, no entanto, se entende que, para além de mero reflexo ou redução de uma outra realidade, o cotidiano, mantendo múltiplas e complexas relações com o mais amplo, é tecido por caminhos próprios trançados com outros caminhos, começa-se a entender que as fontes usadas para "ver" a totalidade do social não são nem suficientes, nem apropriadas. Ao lidar com o cotidiano preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários. (ALVES 2008)

E por isso acredito que o aluno deve ser visto como um sujeito que ao chegar a escola é fruto de um número enorme de vivências, possuidor de conhecimentos que seu cotidiano os ensino

Entendo também que nós nos tornamos e nos produzimos homens e mulheres através de nossas vivências e experiências, e é através de um "óculos", feito por essas experiências, que atribuímos sentido e significado ao mundo e à realidade em que vivemos. Por isso só posso acreditar que um processo educacional que vise ser emancipatório e que procure respeite a diversidade do aluno, deve ter consciência disso. Pois é através de toda essa vivência que nossos alunos interpretam, reinterpretem, significam e ressignificam o mundo e claro os conteúdos curriculares.

CAPÍTULO III

UH aceita!

De que adianta tu bater de frente se tu vai ter que me aturar... Assim você não vai me derrubar... A minha presença te perturba... se não gosta eu só lamento... e vou te mandar uma receita Uh aceita!

O trecho acima é uma bricolagem de algumas partes do Funk Uh aceita da MC Marcelly, originalmente esse Funk é uma mensagem de revolta e afirmação de uma jovem favelada do Rio de Janeiro. Um grito de liberdade e exaltação a auto-estima feminina, onde a MC declara que quem tiver inveja de seu sucesso não conseguirá derrubar – lá. O refrão uh aceita é o grito definitivo que eleva a auto-estima e serve como desabafo.

Trago esse Funk para mostrar e discutir que não adianta bater de frente com a chamada cultura popular na escola, desinvisibilizá-la e estabelecer trocas é a melhor “receita”. Para pensar melhor esse argumento, relato um episódio ocorrido comigo no grupo de pesquisa do PIBID¹⁴. Lá uma experiência em particular me mostrou como é importante desinvisibilizar (SANTOS), aceitar e validar os conhecimentos e experiências de nossos alunos.

3.1 Tio pode ser Flamengo e Vasco?

Dentro do PIDIB trabalhava em dupla com um colega de faculdade chamado Leonardo. Nossa orientadora, Maria Luiza Sússekind, nos sugeriu acompanhar um projeto que trabalhava com teatro e literatura infantil. A sugestão foi muito bem recebida por nós, Leonardo é ator, e a minha experiência com projetos sociais e como DJ poderiam ajudar no desenvolvimento do projeto.

¹⁴ PIBID – Projeto de iniciação a docência da CAPES, do qual participei durante os anos de 2010 e 2011. Já citado no início.

Em uma atividade proposta pela professora, dois alunos muito agitados discutiam quem ficaria segurando a bola de futebol, trazida por um terceiro aluno. Vendo aquela confusão chamei os dois para conversar fora da sala e saber se haviam combinado algo para a tarefa do dia. Segundo combinado na última aula alguns alunos deveriam ler um dos livros escolhidos por nós e apresentar a história do livro com uma pequena peça teatral ou esquete pensada por eles. Já fora de sala peguei a bola e perguntei vocês sabem o que temos que fazer hoje? Responderam que não. E prontamente expliquei que deveríamos interpretar a estória de um clássico. A pergunta de um dos meninos foi: “tio pode ser Flamengo e Vasco?”. Sem resposta e entendendo que errei, quando não consegui explicar corretamente o que deveríamos fazer respondi: “Claro que pode!”. Como eu poderia dizer não, o conceito do que é clássico para eles era o de uma partida de dois grandes times de futebol carioca. E eu deveria respeitar essa idéia, que provavelmente vem de frases como a que lemos nas páginas de esportes dos jornais: “hoje tem clássico” ou “clássico dos clássicos”.

Por sugestão de um dos alunos resolvemos simular uma partida de futebol, os alunos decidiram encenar o gol que deu o título do campeonato estadual de 2005 ao Flamengo. Combinamos alguns toques de bola, dribles, pequenas falas e um chute a gol com uma bela comemoração. Os dois alunos empolgaram-se começaram a ensaiar os toques, combinaram duas jogadas e uns dribles. Para comemorar o gol do campeonato decidiram dançar o “reboleition”, achando um pouco excêntrico, mas percebendo que havia despertado o interesse dos meninos pela atividade concordei.

Entramos na sala os meninos subiram no pequeno palco da sala de leitura, fizeram tudo como haviam ensaiado do lado de fora e terminaram com a dança do “reboleition” o que arrancou gritos e aplausos de seus colegas de sala. Esses mesmos dois meninos depois de participarem da atividade se mostraram muito satisfeitos e perguntaram: “Tio quando a gente pode fazer outra vez?”

Desinvizibilizar, respeitar e aceitar como conhecimentos existentes o que aqueles alunos trouxeram da realidade de cada um e me utilizar disso como tática para conseguir que eles

participassem de uma proposta, que de início foi rejeitada, me fez perceber o quanto eu como professor devo que respeitar e reconhecer esses saberes de meus alunos e que posso utilizar isso para construir propostas e na minha prática docente. Aceitar essa diversidade de conhecimentos e validá-los me permitiu utilizar utilizá-los como ferramenta para que dois meninos, que provavelmente não participariam da atividade e já haviam sido taxados por uma estagiária do colégio onde a pesquisa era realizada como, “os piores alunos da turma” e os que não tinham salvação, fossem os que saíram do pequeno palco da sala de leitura como os mais aplaudidos e despertassem o interesse dos meninos a tal ponto que gostariam de voltar a fazer a mesma atividade.

Pensar em como valorizar e incluir esses saberes na escola é tarefa árdua e complexa. Respeitar e trazer para a atividade a diversidade dos alunos e respeitá-la foi uma solução que encontrei. Respeito a diversidade que é condição para qualquer projeto verdadeiramente emancipatório. Pois qualquer proposta que negue a diversidade não pode ser uma proposta emancipatória.

A experiência dos garotos encenando uma partida de futebol, não me levou a refletir somente sobre a importância dos conhecimentos trazidos pelos alunos, mas também sobre como a escola visibiliza ou invisibiliza esses saberes, esse é o tema do quarto capítulo.

CAPÍTULO IV

Atenção lado A, atenção Lado B¹⁵

O que hospitais, presídios, boates e escolas têm em comum? Todos esses ambientes são ambientes reguladores, controlados e vigiados. Independentemente de terem a função de punir, reabilitar, divertir ou educar, são ambientes onde o controle está presente de forma panóptica¹⁶. Controla-se quem entra e quem sai e os horários são pré estabelecidos. Em alguns o uso do uniforme é obrigatório. Nos ambientes que não é exigido uniforme, boates, por exemplo, um determinado tipo de roupa é a “correta” ou a “esperada” para aquele ambiente. Você deve estar no padrão! Se não está, está fora, fora do padrão e do lado de fora de uma boate. Há padrões considerados normais ou esperados que permitem ou não estar e participar destes espaços, esses padrões se referem aos corpos, às roupas, aos códigos de valores e comportamentos, à linguagem, e, claro, aos conhecimentos válidos ou produzidos como inexistentes.

Padrões que servem para classificar você, e ditam se você pode ou não estar naquele lugar. Essa classificação também acontece nos hospitais, onde você é um prontuário com um nome é um número, colocado no lugar certo para o tratamento certo, usando um “uniforme” hospitalar e vigiado por médicos, enfermeiros e seguranças. Lugar onde você come dorme nos horários determinados e só sai com autorização.

Posso facilmente usar essa descrição para mostrar como funciona o dia a dia de um presídio e posso até usar a mesma descrição para uma escola. E refletindo um pouco mais podemos ver que presídios, hospitais e escola também são ambientes educacionais, ou docilizador dos corpos (FOUCAULT 2009).

¹⁵ Referência aos bailes de corredor da década de 90.

¹⁶ Pan-óptico termo usado pelo filósofo Jeremy Benthamé. Pan-óptico seria o centro penitenciário ideal. O conceito usado no desenho permitiria a um vigilante observar todos os prisioneiros sem que estes pudessem saber que estão sendo observados. Posteriormente teóricos como Foucault que usa o termo panoptico para discutir a sociedade disciplinar e Pierre Lévy usa o mesmo termo para designar o controle que os novos meios de informação exercem sobre seus usuários.

Entendo que para procurar caminhos, práticas, e saberes emancipatórios é preciso entender como e onde existe regulação e controle. E como certos dispositivos e práticas servem de amarras, ditando o que é válido e o que não é.

Um dispositivo muito eficiente é a seleção a desautorização e a exclusão que essa seleção gera. No contexto escolar o currículo é uma ferramenta poderosa nesse processo.

4.1 – Currículo escolar divide o Lado A e Lado B do conhecimento

O currículo escolar como fonte de conteúdos a serem ensinados é excludente e segregador. O é porque seleciona conteúdos dentro de uma cultura. Uma de suas funções é mostrar que conteúdos devem ser ensinados. Essa seleção é feita pensando em que tipo de sujeito se quer formar, e devido ao enorme conhecimento acumulado pela civilização ao longo dos anos que exige uma seleção dos conhecimentos a serem apresentados nos anos de escolarização. Assim os currículos acabam privilegiando alguns saberes em detrimento de outros. E esse processo gera a segregação de saberes. Uso a ideia do pensamento abissal de Santos para discutir essa particularidade do currículo.

O PENSAMENTO MODERNO OCIDENTAL é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que o 'outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria

concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro.

Santos mostra como são produzidas exclusões dentro do pensamento ocidental. O currículo escolar faz essa exclusão determinando o que está 'do outro lado da linha', da linha do currículo. Quando seleciona o que deve ser ensinado também seleciona o que não deve ser ensinado e muitas vezes saberes e fazeres que não são considerados válidos. Podemos presenciar esse processo de exclusão toda vez que cruzamos a linha de entrada para escola, do lado de dentro da linha escolar alguns saberes não são válidos, pois ali existe um currículo de saberes que foram escolhidos e institucionalizados como válidos pelo currículo e por uma visão de escola e do que é cultural.

Essa idéia de que alguns assuntos não são conteúdos apropriados para o contexto escolar é tão forte que um episódio ocorrido com as alunas de graduação do curso de pedagogia da UNIRIO, L. e C. retrata bem como alguns educadores reproduzem essas exclusões.

As quatro alunas eram bolsistas do projeto institucional PIBID – Ensino Fundamental. E receberam a tarefa de desenvolver oficinas no contra turno de uma turma de 4º ano de uma escola da zona sul carioca. A proposta era desenvolver atividades que elevassem a auto-estima dos alunos e ao mesmo tempo trabalhasse os conteúdos curriculares.

No primeiro contato com os alunos, as bolsistas buscaram temas que fossem de interesse dos comum para a partir deles desenvolverem atividades que fugissem do estereótipo de aula. Elas demonstraram preocupação em fugir da visão de aula com alunos sentados professores em pé e escrevendo no quadro, para tentar estreitar os vínculos com os alunos e conquistar o interesse de todos.

Na tentativa consciente ou não de trazer o aluno seus saberes e seus interesses para o foco da aula, perguntaram do que eles

gostavam e sobre que tema eles gostariam de estudar. Vários assuntos foram propostos, futebol, novelas etc. Até que um aluno sugere o tema Funk. “Foi um alvoroço na sala... O tema Funk foi unanimidade” (L.bolsista).

Com essa atitude de perguntar aos alunos as bolsistas subverteram o modelo dominante de aula que trás para os alunos aulas prontas com temas pré-estabelecidos. Acreditaram que trabalhar com temas mais próximos do cotidiano dos alunos e valorizar os saberes que eles traziam seria a melhor forma de estimular a participação e o envolvimento deles.

O resultado dessa iniciativa foi sentido ao longo do ano, com o aumento do interesse dos alunos pelas atividades e pelos conteúdos curriculares, que estavam misturados nas atividades, e quando no final do ano letivo os “piores” alunos em rendimento “passaram de ano” com notas bem acima da média. “Piores” alunos esses que segundo L. foram os que mais participaram e esforçaram-se para que as atividades fossem bem realizadas.

Essas oficinas se desenvolveram ao longo do ano de 2010 e dentre as atividades que trabalharam com o Funk uma delas consistia em corrigir os erros de português, geralmente concordância verbal e nominal, das letras de alguns Funks. Utilizando os Funks que comumente os alunos cantarolavam em sala de aula retiraram o seguinte trecho de uma música do grupo Os havaianos: “Nós fugueta e meti o pé”. Sendo Fugueta é uma gíria carioca para sexo e meter o pé, ir embora.

O cartaz com essa frase corrigida¹⁷, ver figura 1, foi afixado na entrada do colégio. Uma semana após os exercícios e a fixação do cartaz uma das bolsistas ao entrar no colégio percebeu que seu cartaz não estava mais lá. Quando indagou a diretora onde estava o cartaz e porque havia sido retirado, foi informada que algumas professoras e alguns pais não gostaram do que estava escrito. Reclamaram da letra do Funk escrita no cartaz e afirmaram que isso

¹⁷ A gíria fugueta foi “corrigida” para fuguetar. Respeitando a possível concordância do neologismo e o conteúdo simbólico da música.

não era conteúdo escolar e que a palavra fugueta tinha conotação sexual muito forte. L. pediu o cartaz de volta e para sua surpresa, quando o abriu descobriu que além de ter sido retirado haviam colado a palavra requebramos, que também é uma gíria carioca, no lugar de fugueta, como podemos observar na figura 2.

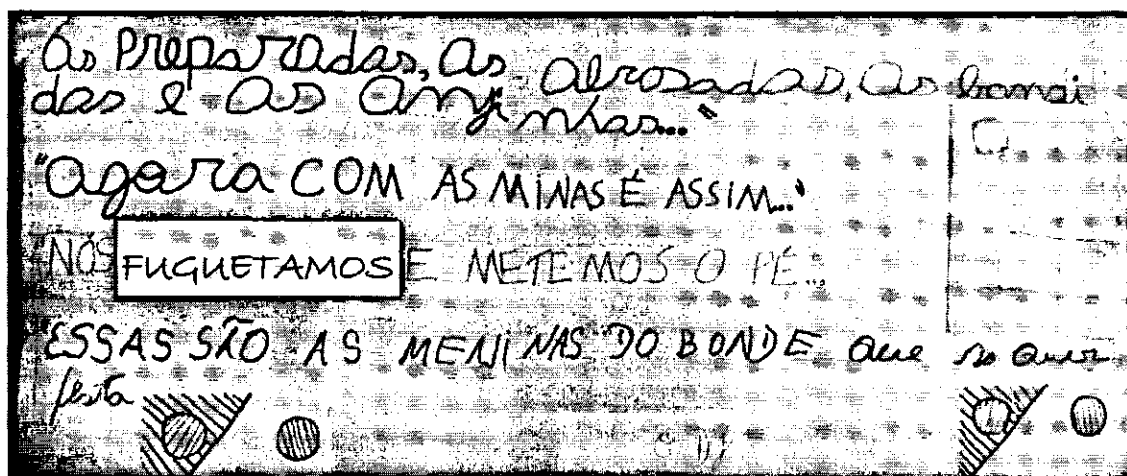


Figura 1

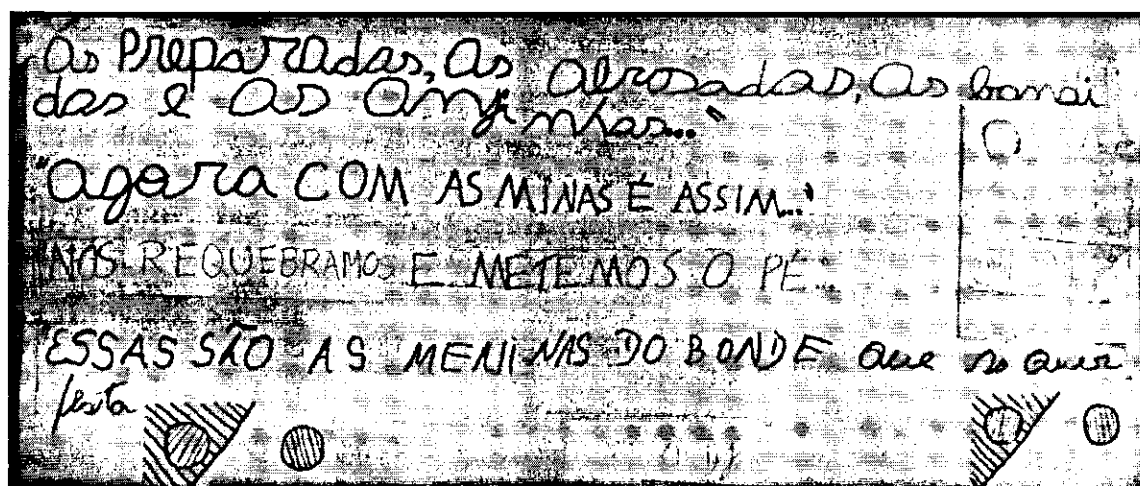


Figura 2

Como citei esse é um ótimo exemplo para mostra como os conteúdos 'do outro lado da linha' são invisibilizados pela escola, currículos e praticas. O saber a cultura e o cotidiano das crianças que escolheram trabalhar com foram invalidados pela escola e seus

membros. Mas porque deveria a escola tratar trabalhar com Funk? Ele não é ciência, não é visto como cultural ou como música pela escola.

4.2. - Táticas e estratégias

Antes de continuar discutindo como aplico a idéia de Boaventura na escola e para entendermos melhor como o Funk mesmo não entrando declaradamente na escola e mesmo sendo produzido como invisível por ela ainda influência e está fortemente presente no cotidiano escolar apresenta as noções de tática e estratégia de Certeau que usarei daqui em diante.

De acordo com Certeau, *estratégias* são as ações e concepções próprias de um poder, de um instituído, na gestão de suas relações com o seu “outro”, os sujeitos reais, a princípio submetidos a este poder... (OLIVEIRA 2006)

O poder é dono da estratégia, tem local e um próprio a escola. Ela a princípio é dona da estratégia. E tem como estratégia excluir e invisibilizar saberes que são potencialmente perturbadores a ordem hierarquizante dos conhecimentos tidos como válidos.

As táticas, não têm local, não tem lugar, acontecem a todos estantes em lugares diferentes, nos cantos da escola no pátio e os alunos são seus praticantes. Aproveita “as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário.” (p.95). Os alunos são seus legítimos representantes pois o Funk não cruza a linha da escola, mas basta uma rápida olhada no pátio de um colégio carioca para ver meninas dançando Funk, ouvindo Funk em seus celulares e MP3, ou cantarolando trechos de Funks “bombados”.

No relato da experiência de minhas colegas a escola excluiu a cultural e o saber cotidiano dos alunos e das bolsistas. É essa a *estratégia* da escola, periferizar e deixar do 'outro lado da linha' do que é válido ou não dentro do colégio. Porém usar o Funk na sala de aula, uma tática usada pelas bolsistas, mostra como os sujeitos são produtores do seu cotidiano e o fazem independente do poder que tente controlá-los. A tentativa de subversão da naturalidade do cotidiano da escola e dos conteúdos trabalhados em sala de aula produziu resultados, que sempre são esperados pela escola, mas perturbou uma hierarquização de saberes que a escola acha necessária para desenvolvimento de suas atividades.

4.3. - A linha abissal

A divisão criada pela linha do pensamento abissal de Santos, esta presente em nosso cotidiano educacional e age excluindo os saberes de várias formas. Se eu for escrever um texto acadêmico, que é uma tarefa de reflexão, significação e ressignificação dos saberes, uso, como usei acima, referências de autores com capital cultural (BOURDIEU 2003) reconhecidamente válido no mundo acadêmico. Fazendo isso autorizo a minha fala e o meu pensamento, pois preciso estar do 'deste lado da linha' para ter meu discurso autorizado. Esse sistema, os currículos, atitudes e posturas nos mostram a ordem do discurso (FOUCAULT 1996) e autorizam ou desautorizam os discursos e os temas a serem abordados ou considerados válidos academicamente.

Tratar do tema Funk pode ser até válido, mas estudar língua portuguesa usando o Funk está do 'outro lado da linha' da linha intelectual, social e cultural, ele é periferizado, desautorizado, jogado para o lado. Trabalhar com uma música que tem letras com conotação sexual não é válido. Mesmo sabendo que os alunos conhecem o significado das palavras, assistem novelas com cenas de sexo e adoram os reality shows que passam às 22:00 com cenas de sexo. A escola procura invisibilizar assuntos como o Funk e o sexo. E muitas vezes finge que não vê.

Particpei como voluntário em um projeto de uma escola estadual da zona oeste do Rio de Janeiro, onde montaríamos uma

rádio interna. Em uma das primeiras reuniões para construção da rádio, coloquei em pauta a seguinte questão: o que os alunos responsáveis pela programação poderão tocar? Várias sugestões apareceram, mas em nenhum momento o Funk foi citado. Levantei a hipótese de tocar Funk, hip-hop, pagode ou música clássica. Para mim os alunos, sujeitos tecedores do cotidiano da rádio deveriam escolher o que tocar e o que ouvir. A reação de uma das professoras foi muito perturbadora, ela levantou-se da cadeira e disse se formos começar essa rádio para tocar essas “merdas” que eles costumam ouvir e cantar em sala de aula eu prefiro me retirar.

A diretora apaziguando a situação disse que eles deveriam escolher os repertórios, mas com algum tipo de supervisão. A professora em pé completa o argumento dizendo, “Funk não entra na escola, ele fica da porta para fora, eu não trago para sala de aula minha opiniões ou preconceitos, deixo isso fora da escola” (SIC). Mentira a mesma professora no final de 2010 fazia campanha dentro do colégio para que seus alunos votassem na sua candidata a presidência, e a mesma professora taxou um dos alunos do 1º ano de “viadinho metido” que não passaria na matéria que ela lecionava. Fui o único a protestar contra a postura da professora e ao final da reunião ficou decidido que o repertório teria que passar pela crivo da diretora da escola.

A escola é, em seus princípios filosóficos e constitucionais, uma organização social complexa, heterogênea, multidimensional que forma cidadãos e para isso lida com a diversidade. Ainda, no meu entendimento, deveria contribuir para a discussão e desmistificação de assuntos como sexualidade e cultural popular. Por isso atitudes como a dessa professora não deveriam ser aceitas ou ditas como normal. Invisibilizar certos assuntos ou afirmar categoricamente que alguns temas não podem ser tratados por dentro dela não é a melhor forma de construir uma educação que valorize os sujeitos. Ferrão discutindo sobre currículo e formação continuada afirma que

qualquer pretensão de engessar o sentido ou de estabelecer trilhos de pensamentos a serem seguidos é sumariamente e todo tempo, violada pelos movimentos das redes cotidianas de saberes-fazeres,

que produzem danças e deslizamentos de significados impossíveis de serem previstos ou controlados. (FERRAÇO 2005)

Por isso o saber do aluno deve ser autorizado e validado, o seu cotidiano considerado e aproveitado (que não quer dizer entendê-lo como um acerto mas como fio da trama). Os currículos como prescrições de conteúdos devem ser flexíveis. Os professores no papel de educadores assumiram que a educação é uma via de mão dupla e que em nenhum momento somos neutros. Por isso é importante que saibamos quais as posturas assumidas por nós dentro da sala de aula. A educação é um ato político que pode ser doutrinador e dogmático ou libertador e emancipatório por isso é importante termos consciência de nossas escolhas políticas.

Talvez a escola precise fazer um processo constante de repensar suas práticas e desnaturalizando o naturalizado. Assumindo como prática consciente, e não como algo que acontece mas não é assumido como prática educacional, que os movimentos do cotidiano devem ser considerados. Utilizá-los como estratégia (CERTEAU) para que a educação possa proporcionar aos sujeitos o desenvolvimento de seu pensamento, autonomia, liberdade e inclusão. Talvez possamos caminhar, professores e alunos, com mais objetividade, clareza e liberdade pelas múltiplas redes de conhecimentos e subjetividades que formam a escola e o seu cotidiano a procura da maneira mais democrática de *ensinaraprender*.

Como já afirmei os praticantes do cotidiano transformam os currículos e práticas, e isso mostrar que existem o currículo prescrito, o documento, e *currículo praticado* (OLIVEIRA 2003) cotidianamente. O currículo só existe verdadeiramente e só toma sua forma quando praticado. Os deslizamentos do cotidiano e a grande rede de saberes que estão presente na escola fazem com que o currículo não seja um artefato estável, seguro e sólido, e nem deve ser. Já que a seleção de saberes, a intencionalidade da educação, os deslizamentos do cotidiano e as trocas em redes são inevitáveis e naturais. Gosto, com OLIVEIRA, de pensar no currículo como um documento mutante, que só existe verdadeiramente quando praticado. E que em suas prescrições aceite o desinvisibilizar do

conhecimento do aluno e permita dentro de todo esse aparente caos, particularmente acho que o aprendizado é caótico, deixar que as redes de alunos e professores cresçam e que esse processo permita uma educação e praticas pedagógicas democráticas e libertadoras.

Considerações finais

No final quando o DJ toca o Funk todo mundo dança.

Discutir culturas e praticas escolares foi o grande desafio de minha graduação. Precisei “beber” de várias fontes e dialogar com muitos autores para que conseguisse discutir o tema. Comecei meu texto em uma defesa do Funk carioca como cultural popular. Precisava defender esse estilo musical marginalizado e visto muitas vezes como música inferior. Nessa discussão toda a minha experiência como DJ a minha vivência nos bailes Funks do Rio de Janeiro foi decisiva para que eu adotasse essa postura.

No segundo capítulo, o que me deu mais trabalho, procurei discutir o que é científico, tarefa árdua e de reflexões agonizantes. Tenho noção da incompletude de minha discussão mas, que discussão pode ser completa? Ative-me então aos pontos gerais que me seriam úteis para discutir o assunto do terceiro capítulo. Capítulo onde faço uma analogia entre escolas, presídio, boates e hospitais. Adoto uma postura que encara a escola como um ambiente disciplinador e o ambiente das traquinagens, do burlar a regra, mas infelizmente essas atividades ainda não constam no currículo das disciplinas, se não teríamos todos os alunos com notas altíssimas. A escola tenta a qualquer custo inviabilizar essas praticas gazeteiras. Transfiro essa visão para todas as escolas sem medo, pois em maior ou menor nível todas agem da mesma forma. No quarto capítulo trago uma discussão de currículo e de como ele é excludente e segregador. E de como ele é capaz de servir de instrumento para invisibilizar saberes e fazer de alunos e até de professores.

Acredito que o paradigma científico, o que baliza nossas verdades, é usado para excluir culturas como o Funk. E a escola como local do saber e da “verdade” não pode permitir a sua presença e o produz como inválido. Boaventura com o seu argumento sobre a construção de uma linha que segrega o pensamento não validado socialmente como sendo abissal se torna peça chave na construção da minha defesa. Ele consegue traduzir em palavras tudo que sinto e tudo que acho sobre a cultura

ocidental. E é nele que consigo imaginar uma solução para os problemas que apresento.

Procurei reconhecer a abissalidade do pensamento científico para poder refletir como se dão as exclusões de saberes na escola. Acredito que ainda não consegui atravessar a linha do pensamento abissal de Boaventura, mas acredito que sua idéia de ecologia de saberes seria o caminho para pensar escola e currículo escolar que caminhem para a construções de uma educação emancipatória e intercultural, pois se

baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na idéia de que o conhecimento é interconhecimento. (SANTOS 2010)

Interconhecimento é uma palavra que você provavelmente não encontrará nos dicionários. Inter é o sufixo que dá a idéia de “entre”, então o Interconhecimento, seria a ideia de que os conhecimentos estão entre si, se entrelaçam e se misturam com interações sustentáveis e de respeito. Onde a hierarquização dos saberes não existiria. Pensar desta forma nos permitiria aceitar a diversidade epistemológica e “o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento” (Idem).

Essa mudança paradigmática seria algo muito mais profundo e não afetaria só o meio escolar. Seria mudar todo o pensamento ocidental e abandonar o pensamento científico cartesiano. Reconheço que para uma mudança como essa ocorrer é necessário um processo de muitas lutas e discussões, mas se a escola reconhecesse, mesmo que de forma vagarosa e aos poucos, que esse é o caminho para um pensamento emancipatório, já caminharíamos significativamente para ultrapassar esse paradigma abissal.

A minha busca é por um pensar diferente de meu colega de graduação, que se reconhece como militante estudantil e diz travar

uma luta contra a cultura hegemônica. Cultura que o mesmo reconhece como sendo das elites econômicas da qual ele e os que ele diz defender não pertencem. Porém em uma discussão onde eu afirmava que seria interessante trabalhar com o Funk nas escolas da periferia, onde alunos de classes menos favorecidas financeiramente poderiam discutir os conteúdos escolares através da sua cultura, este colega me disse: “eu sou contra essa coisa de só trabalhar com lixo, acho que ele tem q ter acesso a coisas melhores.” Trabalhar com lixo? Ao hierarquizar e colocar o Funk como lixo ele reproduz os valores e todo o preconceito da classe econômica que ele diz ser contra. Esse um típico pensamento da elite que ele diz lutar contra! Ele reproduz esse pensamento e mostra que ainda está preso na abissalidade. Eu gostaria de ultrapassar esse pensamento e arrebentar com as amarras epistemológicas que me prendem num paradigma que para mim não consegue ser democrático e ecológico o suficiente com a enorme diversidade de nossas culturas.

Parafraseando Millor Fernandes, quero lutar contra a cultura hegemônica sem que as pessoas confundam a minha luta como um louvor à ignorância. Eu acredito que os estudantes dos quais eu e meu colega falávamos, devem ter acesso a outros saberes e obviamente aos saberes hegemônicos, mas quero que eles entendam que os saberes não são melhores ou piores, que entre eles não existe uma hierarquia. Que existe sim uma interculturalidade, pois as culturas e os saberes estão entrelaçados como os fios de uma rede, que se você puxar um dos fios outros virão a seguir e com esse puxão você pode desmanchar toda uma rede e transformar no que você quiser.

Na tentativa de escapar de todas essas armadilhas inevitavelmente fui vítima delas, fui porque a minha busca continua e porque sinto que esse texto não será finalizado nunca. Ele continuará mesmo depois de entregue e eu continuarei com essa sensação, eterna, de que algo ainda está faltando.

Sem Fim

Bibliografia:

BOURDIEU, “Reprodução cultural e reprodução social” IN: A economia Das Trocas Simbólicas, SP, Ed Perspectivas, 2003 (295-336)

_____. Currículos Praticados: entre a regulação e a emancipação, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

Carlos Eduardo. Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo. São Paulo: Cortez, 2005.

CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano: as artes de fazer, Petrópolis, Vozes, 10ªed, 2004.

_____. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs) Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas. Sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

Disponível em: <[HTTP://www.vagalume.com.br/mc-galo/historia-do-funk.html](http://www.vagalume.com.br/mc-galo/historia-do-funk.html)> acessado no dia 3 de fevereiro de 2011.

Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mc-koringa/kika-kika_nocalcanhar.html#ixzz1Cp36vkWa> acessado dia 7 de fevereiro de 2011.

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mc-marcelly/uhaceita.html#ixzz1CozP5crp>> acessado dia 7 de fevereiro de 2011.

Disponível em <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/Pan%C3%B3ptico.htm>> acessado dia 27 de Março de 2011.

Disponível em: <<http://www1.folhauol.com.br/folha/ilustrada/ult90u492067.shtm>> acessado dia 24 de Março de 2011.

Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/dj-marlboro/melo-da-mulher-feia.html#ixzz1Ob0FHNX>> acessado em 10/2/2011

Editorial do jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5.6.95 p. II.

_____ Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO, C E org Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo, São Paulo, Cortez, 2005 (15-39)

FERRAÇO, C. E. *Ensaio de uma metodologia efêmera ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar*. In: Oliveira e Alves (orgs.) Pesquisa nos/dos/com/os cotidianos das escolas. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Janaína Medeiros Editora Terceiro Nome, *Funk carioca: crime ou cultura? : o som dá medo e prazer Coleção Repórter especial*, 14, 2006.

OLIVEIRA, I B Boaventura e a Educação, Belo Horizonte:Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, I B Boaventura e a Educação, Belo Horizonte:Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, I. B. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, B. S. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes" IN: SANTOS, B. S. e MENEZES, M P (orgs) Epistemologias do Sul, São Paulo, Cortez, 2010. (33-83)

SANTOS, Boaventura de Sousa “Da ciência moderna ao novo senso comum”, IN: A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 3. Ed. São Paulo : Cortez, 2001 (55-73).

SUSSEKIND, M. L. *Pesquisamos com as escolas: O estágio como entrelugar nos relatos de formação*, Projeto de Pesquisa, Faperj, 2010-2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Alan Pimenta Mat: 20072351113

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: NO RIO TEM MULATA É FUTEBOL, CERVEJA CHOP GELADO MUITO PRAIA E MUITO SOL, TEM MUITA SAMBA FLA-FLU NO MARACANÃO, MAS TAMBEM TEM MUITO FUNK ROLANDO ATÉ DE MANHÃ: FUNK CULTURA POPULAR CARIOCA NA ESCOLA, DESTE LADO DA LINHA DO OUTRO LADO DA LINHA

ORIENTADOR(A): Profª Drª Maria Luiza Sússekind

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Claudia Miranda

Nota : 10

Considerações: O estudante sistematiza sua monografia organizando os diferentes aspectos discutidos. A pesquisa é bem apresentada seguindo as orientações acerca do pressuposto central, seleção de bibliografia e análise dos dados observados.

DATA: _____ **Assinatura:** _____

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador: Maria Luiza Süssekind

Nota: 10

Considerações:

A orientação de Alan foi um conjunto de momentos prazerosos, de descobertas mútuas e encontros epistemológicos, bibliográficos e temáticos felizes para ambos. Alan é muito autônomo e maduro em suas reflexões e pesquisas. Em seu percurso construiu, aos poucos, um trabalho monográfico de qualidade, profundo e desafiador.

Maria Luiza Süssekind

Data: 21/09/2011 Assinatura: _____

RESULTADO FINAL		
Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10	10	10

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 2011.

Maria Luiza Süssekind

Profª. Orientadora Drª. Maria Luiza Süssekind



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação – EE - Departamento de Didática

Médias Finais: Monografia II – 2011.2
Profª Drª Maria Luiza Sússekind

	Nome do aluno	Média final	F
1	Angelica do Fundo Barbosa	Aguardando parecer Profª Cláudia Miranda	0 0
2	Anna Paula Anselmo	10,0 Leitor: Profª Carmen Sanches Mono e parecer entregues na Secretaria	0 0
3	Carolina Silva da Silva	10,0 Leitor: Profª Andréa Fetzner Mono e parecer entregues na Secretaria	0 0
4	Débora Gherman	Aguardando parecer Profª Cláudia Miranda	0 0
5	Deborah Luna	Aguardando parecer Profª Cláudia Miranda	0 0

Rio de Janeiro/ West Point, 13/07/2011.

Maria Luiza Sússekind